número 269 - segunda quinzena de agosto de 2002

Campus

www.unb.br/fac/campus
campus@unb.br

Jornal Laboratório do Departamento de Jornalismo
Faculdade de Comunicação - UnB

Dinheiro esca$$o

Parabéns, o orçamento para a sua faculdade neste ano é de R$ 55 mil!

Montagem: Cristian Wesling

Expansão de universidades federais e aumento de recursos para a educação são duas grandezas inversamente proporcionais. Enquanto vagas são criadas, os orçamentos das instituições são engolidos pela inflação.

O capital externo, que esperava apenas uma brecha, tem a sua chance. Universidades têm agora que recorrer a cursos pagos e parcerias para o sustento próprio. Extensão, especialização, mestrados profissionalizantes... onde é que isso vai terminar?

Uma constatação é unânime: atualmente, o Estado não é capaz de financiar todos os custos. Há quem acredite que limites devam ser estabelecidos. Outros argumentam que o governo deveria dar todas as condições. Há ainda quem defenda a cobrança de mensalidade. A discussão está lançada: afinal, qual o caminho para a universidade pública?

Mais na página 3

Leia antes de votar

Montagem: Daniel Araújo

A Universidade no centro das eleições

No primeiro domingo de outubro, 115 milhões de brasileiros participam da maior eleição que o país já viu. Mas também aquela em que a mídia terá papel mais atuante. Pesquisas eleitorais, estratégias de marketing e promessas econômicas são divulgadas quase diariamente.

O DCE, o Capol e a Reitoria fizeram a sua parte e trouxeram à UnB candidatos ao GDF e até à Presidência. A equipe do **Campus** no 1º/2002 também quer colaborar com as escolhas e elaborou um suplemento especial para o eleitor universitário. Junto com esta edição circula o Seisde-Outubro, nossa contribuição para que cada professor, funcionário ou aluno debata e discuta suas opções em busca do melhor para todos.

Professor e ex-aluna vão ao Timor Leste ensinar Português P. 4

Conheça a vida de meninos em cursos de meninas e vice-versa P. 5

Férias de setembro com roteiro para satisfazer todos os bolsos P. 6

Banheiros da universidade apresentam universo próprio P. 8

Crônica do Editor

Tem gente que acorda às seis, seis e meia, levanta cedo, mesmo. É um exercício de concentração. Lava o rosto e pensa no que vem pela frente. Uma enxurrada de sensações, frases truncadas, deveres a cumprir. Meu Deus, eles pensam, por que eu? Sim, uma rotina, uma freqüência, uma chamada. Preciso chegar às oito e meia, ou talvez às nove e conviver com... Meu Deus, novamente, conviver com fulano. Fulano é arrogante, não aceita as minhas idéias, mas preciso, porque fulano é meu chefe hoje, meu subordinado amanhã e, quem sabe, meu cunhado ou meu irmão na próxima encarnação.

Quem chega ao **Campus** e não vê ninguém sente-se o único otário na Terra, o único que veio, o único que quer fazer um jornal. Não tem café há séculos e a água do galão já evaporou faz tempo. Sinto fome e lembro que esqueci de tomar o café-da-manhã. As pautas chegam, junto com as pessoas. Estão todos meio confusos, não sabem ao certo o que fazer. Eu ouço: não quero ser jornalista, quero apenas os vinte créditos. E tem gente que ainda fala das drogas e essa história toda acabou há duas edições! A Márcia grita (a Márcia é quem coordena a confusão). Ela grita porque ninguém do online está presente. O online é nosso irmão mais novo que a gente enche de porrada e só dá biscoito porque a mãe mandou.

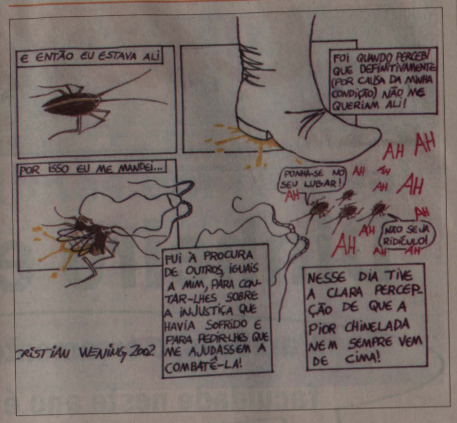
Tem gente preocupada com o projeto final, com o casamento, com o jogo de futebol e com a viagem bem longe daqui, mas é hora de se fazer um jornal. Só por hoje, falta pouco, muito pouco. Preciso conviver com toda esse gente, ficar aqui até mais tarde, varar madrugadas. E ainda por cima não tomo café! Não estou reclamando, só estou dizendo. O **Campus** é legal, tem gente boa, mas a gente acha que ninguém lê o nosso jornal. Essa carta, por exemplo, você está lendo até aqui? Que bom, fico feliz.

As pautas pararam de chegar. Agora a gente está cheio de pauta. Precisamos apurar, com quem eu falo? Por que estou fazendo tudo isso? Por que ligo para essas pessoas? Por que exijo uma explicação sobre uma história que eu nunca ouvi falar? Preciso saber mais, preciso ler mais, porque jornalista não pode ficar sem ler. Chega uma hora em que a pauta foi embora de vez e todos resolveram não atender mais ao telefone.

Nessa hora eu sento na cadeira e abaixo a cabeça, me perguntando novamente o porquê de tudo isso. Quem lê tanta notícia, seu Caetano? Por que tanta novidade? Fico me martirizando e chega um, de mansinho, também cansado, espinhas no rosto, sorriso caído e escreve no fim: tudo isso é para você que leu essa carta até o fim.

Guilherme Macedo
Editor-chefe do Campus 269

Charge



Ombudsquivina

É um parto fazer um jornal como o **Campus**. Prazos que não são cumpridos, longas madrugadas na redação e brigas internas. Apesar do sufoco, tem-se a liberdade que nós provavelmente nunca mais destruiremos. Um dos atuais integrantes concorda: "É só aqui que podemos pensar, com relativa liberdade, a merda na qual aos poucos estamos entrando". O espírito inovador é incentivado por professores.

E essa turma, formada por muitos alunos, pôde utilizar a diversidade para fazer um jornal mais ousado. Demonstraram arrojo na diagramação que, sem dúvida, impressionou. Essa foi, porém, a mais evidente manifestação da vontade de querer atrair o público. Os textos produzidos não alcançaram plenamente o objetivo. Cito três exemplos: os títulos e sutiãs eram enormes, praticamente servindo como *lead* das matérias; as pautas, com grande potencial, não instigaram o debate (que resultou em poucas cartas) e não houve uma evolução visível nos textos a cada edição, indicando uma melhora. Havia consciência de tal problema? Sim. Havia vontade de melhorar? Claro. Mas não houve esforço da turma como um todo (não contando grupos segmentados e exclusivos) para fazer um jornal que mexesse com os leitores.

Individualmente, houve vários exemplos de estudantes que trabalharam duro para produzir um bom jornal. Não se pode negar que este desempenho é admirável e é justo que seja reconhecido. Um dos propósitos da disciplina, entretanto, é fazer o grupo interagir e alcançar o melhor resultado possível. Isso não aconteceu. Conceberam um jornal visualmente atraente, matérias foram bem escritas, bem apuradas, coerentes. E daí? Onde estava a alma do jornal? Mas sempre há uma luz no fim do túnel. Até o fechamento, mais leitores têm se manifestado. E melhor ainda, relato com segurança que nesta reta final o **Campus** uniu-se pela primeira vez. Vaidades foram postas de lado para encerrar o semestre com chave de ouro. Com ânimos elevados, esperamos que o grupo trabalhe harmoniosamente para dar à luz o jornal que sempre quiseram fazer.

Camila Zamith
Monitora do Campus

Fale com o Campus

Envie sugestões, dúvidas, críticas e reclamações para nossa redação.
e-mail: campus@unb.br
Por motivo de espaço ou clareza as cartas podem ser editadas.

Opinião dos leitores

A matéria *Briga judicial para não calar Centro Comunitário* mostra, já a partir do título, o viés e tenta desqualificar a ação da moradora do Lago Norte. Podemos garantir que ela não é a única a se incomodar. Sofremos com festas que varam a madrugada, num espaço totalmente inadequado. Com freqüência, ouvimos reclamações de nossos vizinhos.

Regina Dalcastagnè e Luis Felipe Miguel, professores e moradores da Colina

A matéria sobre mercantilização da educação apresenta pontos de vista fundamentados e contextualiza a situação atual do debate. Fiquei perplexo com os comentários do ombudsman. Mais de uma vez presenciei rodas de leitores com estudantes comentando as matérias. O retorno não imediato não diz que o impacto do jornal **Campus** se limite a estudantes de jornalismo. Continuem com o trabalho de qualidade, fazendo uma auto-crítica construtiva, e sem desanimar diante da passividade dos leitores.

Diego Santos, aluno do 3° semestre de Ciência Política

Que tal fazer uma pesquisa sobre a penetração do **Campus**? De fato, seria o jornal lido só pelos alunos da comunicação? Duvido! Eu os desafio a provarem que estou errada. Com base no restrito espaço que freqüento, eu diria que o jornal ultrapassa os limites da FAC. Desculpo-me por não lhes ter deixado saber que sou leitora do **Campus** há muitos anos. Na verdade, corro atrás do jornal para não ficar sem o meu exemplar. A periodicidade e a regularidade com que o jornal tem circulado durante este semestre poderá fazer mais leitores do que vocês podem imaginar. A atualidade e o interesse das matérias mostram que o jornal está crescendo e que sua pauta está bem elaborada. No último número, surpreenderam com a discussão da inclusão da educação como produto na OMC. Esse é um assunto de grande importância para a universidade e que não poderia deixar de estar sendo discutido. O **Campus** está ocupando o espaço e produzindo a polêmica. Meninos e meninas, enterrem o desânimo, vocês estão no caminho certo e já tem gente esperando o próximo **Campus**!

Mariza Monteiro Borges, professora do Instituto de Psicologia

Gostaria de fazer uma correção com relação a entrevista fornecida ao repórter João Cláudio Netto. A Faculdade de Medicina não desenvolve pesquisa sobre vacina contra a aids. O trabalho diz respeito ao estudo da resposta imunológica de pessoas, que apesar de entrarem em contato com pessoas com aids não contraem o HIV. O estudo é diferente de vacina contra a doença.

Celeste Nogueira Silveira, professora da Faculdade de Medicina

O próximo presidente cumprirá as promessas?

O próximo presidente cumprirá as promessas? O eleitor avisado conhece bem a natureza das promessas eleitorais e dá a elas o devido desconto. O que talvez nem todo eleitor saiba é avaliar até que ponto um presidente recém-eleito conseguiria de fato realizar as promessas de campanha caso realmente tivesse a intenção de fazê-lo. Para responder a pergunta é necessário olhar regras que regem relações entre o Executivo e Legislativo.

Surpreendentemente, uma primeira inspeção aponta para a conclusão de que o futuro presidente possuirá de fato diversos instrumentos que lhe darão grandes vantagens para perseguir suas promessas dentro do Congresso. De todos os chefes de estado no mundo, o Executivo brasileiro é um dos que mais poderes concentra. Uma de suas principais armas é a medida provisória que lhe permite praticamente contornar a instância decisória do Congresso. FHC, por exemplo, tem usado este instrumento em um ritmo de mais de cinco medidas provisórias para cada proposta que tramita pelas vias normais.

Se por alguma razão o presidente opte por passar suas propostas pelo Congresso ele pode contar com diversos outros instrumentos regimentais para salvaguardar os seus interesses. Ele tem autoridade para iniciar alguns tipos de legislação, alta discricionariedade na execução de emendas orçamentárias dos legisladores e uma série de benefícios que pode usar para recompensar comportamento leal. Finalmente, se tudo isto falhar, o presidente tem ainda o poder de veto total ou parcial.

Para ilustrar o poder que estas regras proporcionam pode-se notar que das 1.881 propostas apresentadas entre 1989 a 1997, 77% foram aprovadas e somente 1,5% rejeitadas (as restantes tendo sido retiradas). Mais impressionante, FHC aprovou 95,3% de todas suas propostas em seu segundo mandado (até 2001). Em vista destes fatos a resposta à pergunta acima parece ser que, independente do candidato que for eleito, este poderá sim implementar as suas promessas caso realmente deseje fazê-lo.

Porém, uma análise mais cuidadosa das regras legislativas mostra que as coisas não são tão simples assim. Nenhum dos poderes do presidente é absoluto. Todos eles, da medida provisória ao veto, podem ser derrubados por uma maioria do Congresso caso estes assim desejem. Mais ainda, uma maioria do Congresso pode até mudar as atuais regras retirando do presidente muitos seus poderes atuais. O fato que até agora não se tenha optado por fazê-lo implica que ou a maioria esteja satisfeita com a situação atual, ou que não tenha a capacidade de se coordenar em um grupo suficientemente coeso.

Como dificilmente um presidente eleito terá uma maioria no Congresso, ele precisará formar uma coalizão que lhe dê apoio. O que resulta é um acordo onde o Presidente consegue aprovar suas propostas e os membros da sua coalizão são compensados com transferências políticas e financeiras. A obtenção de uma coalizão coesa e com preferências não muito distantes das do presidente é a variável chave a se considerar para saber se um candidato, uma vez eleito, teria a capacidade de cumprir suas promessas. Caso uma coalizão compatível seja alcançada, o presidente terá facilidade para fazer isto. A única coisa que faltará neste caso é saber se de fato as promessas foram sinceras.

Bernardo Mueller - Professor do Departamento de Economia UnB
Carlos Pereira - Research Fellow in Politics, University of Oxford

Expediente

Jornal Laboratório do Departamento de Jornalismo
Campus Universitário Darcy Ribeiro
Faculdade de Comunicação
ICC Ala Norte - UnB
Caixa Postal: 04660
CEP: 70910-900 - Brasília/DF
PABX: (61) 307-2460/307-2461

Editor-chefe
Guilherme Macedo

Editor de Opinião
Fabiano Messias

Editora de UnB
Viviane Brito

Editora de Grande Circular
Giovana Perfeito

Editor de Suplemento
Juliano Pires

Editor de Cultura
João Paulo Gomes

Editor de Fotografia
Daniel Araújo

Direção de Arte
Cristian Wening

Diagramação
Equipe Campus 269

Secretária de Redação
Sheyla Assunção

Revisão
Guilherme Macedo
Helena Mader

Ilustração
Cristian Wening

Reportagem
Akemi Nitahara
Ana Karine Bittencourt
Carlos Augusto Moura
Daniel Maiva
Emilio Garobalo
Gustavo Alvares
Helena Mader
Igor Marx
João Cláudio Netto
Manoel Cordeiro
Mariana Nogueira
Mariana Santos
Nelson Barreto
Pedro Henrique Barreto
Thiago Silveira

Coluna Circuito Universitário
Viviane Brito

Fotografia
Akemi Nitahara
Daniel Araújo
Carolina Pompeu
Fabiano Messias
Mariana Nogueira
Mônica Oliveira
Thiago Silveira

Projeto Gráfico
Camila Nakahara
Daniel Araújo
Giovana Perfeito
João Cláudio Netto
Mariana Nogueira
Rafael Barbosa
Ricardo Torres
Viviane Brito

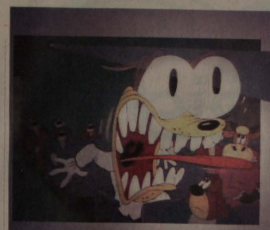
Campus Online
Camila Nakahara
Rafael Barbosa
Renata Ferrer

Professores Responsáveis
David Renault
Márcia Marques
Hélio Doyle
Susana Dobal
Zélia Leal

Colaboraram nessa edição
Bernardo Mueller
Carlos Pereira

Impressão: Correio Braziliense
Tiragem: 5 mil exemplares

Onde pegar o Campus
Biblioteca Central
Faculdade de Comunicação
Livraria Editora UnB
Restaurante Universitário
Pavilhões J.Calmon e A.Teixeira



$ufoco acadêmico

Esses são os três menores valores cedidos para as 21 unidades de ensino em 2002, de acordo com dados da SPL

Ed. Física.....R$52.883

Direito.....R$ 62.960

C.Pol e Rel. R$ 63.902

orçamentos mais baixos da UnB

Universidades Federais têm que "se virar" para completar orçamentos cada vez mais reduzidos

Fabiano Messias

O modelo de financiamento das universidades públicas no Brasil está esgotado. A análise do ministro da Educação, Paulo Renato, reflete bem o momento enfrentado pelas Universidades Federais, que buscam cada vez mais captar recursos externos para se manter. Números divulgados pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior revelam que, enquanto as matriculas cresceram em 21,7%, o dinheiro, corrigido pela inflação, diminuiu.

A situação é caótica em muitas dessas instituições, que dispõem de pouquíssimo dinheiro para comprar equipamentos, realizar a manutenção do *campus* e conservar a infra-estrutura. Não é difícil andar pela UnB, por exemplo, e encontrar salas sem lâmpadas, banheiros sem papel higiênico, vidros e cadeiras quebradas.

A realização de convênios com empresas, órgãos governamentais, cursos de extensão, especialização e mestrados profissionalizantes são algumas maneiras de gerar recursos. No caso da UnB, cada uma dessas atividades tem 10% do valor total recolhido pelo Fundo de Apoio à Instituição (FAI), dos quais metade vai para a unidade que prestou o serviço e os outros 5% para a UnB, para financiar atividades de extensão e cobrir outras despesas.

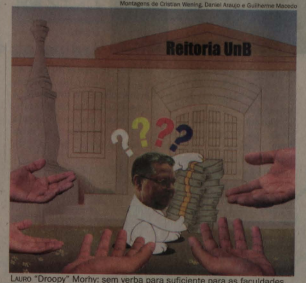
O Departamento de Economia é um bom exemplo da importância que a geração externa representa atualmente. Segundo o professor Jorge Madeira Nogueira, o dinheiro arrecadado com esses projetos corresponde à cerca de 80% da receita da unidade. De acordo com a capacidade e o porte de cada departamento, é possível oferecer mais atividades e gerar dinheiro para cobrir as despesas.

> ***Neste ano, a UnB recebeu R$ 2,3 mi para distribuir entre as 21 unidades de ensino***

A distribuição do orçamento para as 53 Instituições Federais de Ensino Superior é tarefa do Ministério da Educação (MEC), que elabora anualmente uma matriz de desempenho avaliando três variáveis: alunos matriculados, formados e ingressantes (os que entram pelo vestibular a cada ano). Esse documento considera ainda o tempo de permanência dos estudantes e a área de estudo. A aplicação da matriz resulta nos valores destinados para todas as instituições.

Este ano, a UnB recebeu R$ 11 milhões, dos quais R$ 2,3 milhões divididos entre as 21 faculdades e institutos. Para isso, a Secretaria de Planejamento elabora a matriz interna de desempenho. Alguns projetos ganham verba complementar e não entram no cálculo da secretaria. São eles: Centro Olímpico, R$ 35 mil; Jornal **Campus**, R$ 18 mil; Biotério e o Centro de Primatologia, R$ 12 mil; excursões didáticas, R$ 95 mil. Os diretores das faculdades e institutos distribuem o dinheiro para os respectivos departamentos conforme critérios adotados nas reuniões de conselho.

Montagens de Cristian Wening, Daniel Araújo e Guilherme Macedo



Lauro "Droopy" Morhy: sem verba para suficiente para as faculdades

O secretário de Planejamento da UnB, Eduardo Vieira, diz que o valor repassado pelo MEC é insuficiente para cobrir as despesas. "Precisaríamos de, no mínimo, R$ 25 milhões para manter a universidade sem problemas", afirma. É importante lembrar que salários de professores e inativos não estão no cálculo. Entram nesse montante os gastos com materiais de consumo, passagens e diárias, entre outros.

Distribuição

A matriz interna de desempenho feita pela Secretaria de Planejamento analisa oito critérios, como titulação de professores, números de alunos bolsistas, porte dos laboratórios, entre outros. As pontuações individuais das faculdades e institutos são calculadas em relação ao total da UnB.

Fabiano Messias

Buraco na parede é um dos exemplos do baixo orçamento para reforma

Limite para cobranças

Qual o limite dos cursos pagos? Na opinião do diretor da FT, Humberto Abdalla, os projetos externos são admissíveis, mas não podem comprometer a graduação. Abdalla acha que o financiamento não pode mais ser feito totalmente pelo Estado, mas afirma que se ele distribuísse uma parcela maior do dinheiro, seria uma grande ajuda. "Temos que estar conscientes do quanto podemos procurar recursos lá fora sem deixar cair a qualidade do ensino", afirma o diretor.

Para Antonio Sebben, presidente da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (AdUnB) até o dia 23 de agosto, "o nome da UnB está sendo usado de forma indiscriminada". Ele explica que o problema dos cursos pagos acontece porque alguns professores se dedicam basicamente a eles e não ficam sem tempo para pesquisar e preparar aulas. Conseqüentemente, a universidade fica em segundo plano. Ele diz que os cursos geralmente são muito caros, variando de R$ 6 a 10 mil, e que, muitas vezes oferecem apenas a marca da UnB.

> ***Os cursos são muito caros, custando entre R$ 6 e 10 mil***

O estudante de Educação Física Rodrigo Grassi acha que o ensino deveria ser totalmente gratuito. "Só o fato de estabelecer um valor já exclui quem não pode pagar", conta. Por isso, o financiamento do ensino superior deveria ser feito apenas pelo Ministério da Educação: "Todo o dinheiro que o MEC gasta em propaganda enganosa poderia ser revertido para as universidades". Ele também critica o atual ministro, por não se esforçar para lutar por mais verbas.

Na opinião do professor de economia Jorge Nogueira, a sociedade brasileira, de modo geral, não aceitaria com facilidade a aplicação de mais recursos nas universidades. Ele é pouco otimista em relação a uma maior participação do governo e acredita que, com o passar do tempo, as universidades farão cada vez mais projetos para gerar renda. Ressalta, porém, que a procedência do dinheiro deve ficar clara.

Gustavo Trancho, aluno de Direito, não vê problemas na captação externa de recursos. Ele vai além: "A universidade deveria ser paga. Quem não tivesse condições para isso deveria ser contemplado com bolsas de estudo". Ele acredita que a maioria das pessoas que hoje está na universidade pública é justamente a parte da população que poderia pagar a mensalidade.

João Paulo Santos, outro aluno de Direito, acredita que financiar o tipo de instituição que temos atualmente não faz sentido. Para ele, é preciso que a universidade, com projetos de extensão comunitária, para que a população a veja como fonte de benefícios. "O aluno deveria devolver o custo que deu para a sociedade. Assim, a população poderia exigir o financiamento do ensino realmente público". (F.M.)

Sustento se dá com a captação de recursos

A Faculdade de Tecnologia (FT) realiza diferentes parcerias e oferece 13 cursos de especialização, entre outros serviços. Do dinheiro arrecadado, a parte que os departamentos das Engenharias Elétrica, Mecânica, Civil, Redes, Mecatrônica e Florestal recebem é usada para a manutenção de laboratórios e salas de aula.

"Preciso formar um engenheiro que esteja apto a ingressar no mercado de trabalho e, por isso, tenho sempre que estar fazendo investimentos", explica o diretor da FT, Humberto Abdalla. O Núcleo de Mídia e Internet e o Laboratório de Móveis são dois exemplos desses projetos. O primeiro realiza palestras e vídeo-conferências, enquanto o segundo testa vários tipos de móveis para empresas privadas e órgãos governamentais.

A Faculdade de Comunicação (FAC) também tem tradição de realizar convênios com órgãos governamentais. Há cinco anos, a área de rádio faz programas didáticos, como o "Saúde no ar" ou o "Rádio-escola" , para reverter em recursos para a unidade. Com o dinheiro desses convênios, os laboratórios são montados e equipados e é feita a manutenção geral das instalações. Parte dos recursos também é utilizada para completar o salário de funcionários contratados via Secretaria de Recursos Humanos. Atualmente, na FAC, há apenas três funcionários do quadro da UnB.

Mariana Nogueira

Núcleo de Mídia e Internet gera recursos para a FT prestando serviços

A situação de pessoal também é complicada em outros departamentos. Na Economia, apenas duas funcionárias compõem o quadro da secretaria. O salário delas também é pago com parte da verba conseguida com cursos de mestrado e especialização. Desde 1994 a UnB não tem autorização do governo para contratar funcionários da área administrativa. Assim, quem se afasta ou se aposenta é substituído por outro terceirizado.

Outra grande fonte de recursos da UnB é o Centro de Seleção e Promoção de Eventos (Cespe). Criado em 1993, o órgão é vinculado à Reitoria e para lá repassa parte do dinheiro arrecadado com a realização de concursos e vestibulares. Segundo Adriana Scorza, assessora de imprensa, em 2001 foram repassados cerca de R$ 6 milhões para a Fundação Universidade de Brasília. Esse dinheiro vai para a realização de pesquisas e construção de laboratórios, entre outros. O Restaurante Universitário também foi beneficiado com cerca de R$ 370 mil do Cespe para a compra de alimentos.

Muitas unidades, pelo perfil dos cursos de graduação, não realizam trabalhos externos para captar recursos. É o caso da História. Lá, os alunos não dispõem de laboratórios nem de equipamentos com alta tecnologia. Por isso, afirma Eleonora Zicari, chefe do departamento, os recursos repassados pelo Instituto de Ciências Humanas são consumidos praticamente em passagens e diárias de professores. No mês de agosto, o departamento chegou ao limite. Agora, para conseguir mais dinheiro, ela terá negociar com o Instituto. (F.M.)

Reprodução

O cão Droppy e o Lobo são criações do norte-americano Frederick Bean "Tex" Avery (1908-1980). Nas histórias dos desenhos, para onde quer que o lobo fuja, Droopy sempre estará atrás dele, surgindo em situações mais imprevisíveis. Resta ao Lobo ficar literalmente de queixo caído.

Escolhemos usá-los porque Lauro "Droopy" Morhy é quem sempre dá a triste notícia ao lobo (alunos) de que não há dinheiro suficiente em sua faculdade.

UnB na reconstrução de um país

Professor e ex-aluna darão aulas de Português no Timor

Helena Mader
Igor Marx

A reconstrução da mais nova nação do planeta vai contar com uma pequena ajuda de profissionais da UnB. Antônio Augusto Mello, professor do Instituto de Letras e Lizandra Nunes, formada no ano passado, embarcam para o Timor Leste no dia 21 de agosto para ministrar cursos de Língua Portuguesa.

A viagem de um mês faz parte de uma parceria entre a universidade e o Ministério das Relações Exteriores (MRE).

> ***Apenas dez por cento da população timorense dominam o Português***

O Português é uma das línguas oficiais no Timor, mas apenas cerca de 10% da população têm domínio do idioma. A maioria fala o tétum, língua local, mas também há pessoas que falam indonésio e ainda o inglês.

A variedade de línguas não desanima a dupla. "Estou bastante interessada no multilinguismo do Timor", conta Lizandra, que já pensa em fazer uma tese de mestrado nesta área. Ela é a primeira formanda de licenciatura em Letras com habilitação em Português como segunda língua. "Mais uma vez, a UnB está fazendo história ao oferecer estes cursos no Timor", diz a ex-aluna.

Os funcionários do governo timorense que assistirão ao curso vão receber um diploma de Extensão da UnB. "Estamos preparando apostilas e selecionando livros para o curso", conta animado Antônio Augusto.

Rodrigo Brotto, aluno do 9º semestre de Letras, esteve no Timor em julho de 2000. Viajou como voluntário e participou de trabalhos assistenciais e da reconstrução de escolas.

Durante os 30 dias que passou no país, Rodrigo percebeu a relação dos timorenses com o nosso idioma. "A maioria da população só fala o tétum. Só os maiores de 40 anos falam português. Mas eles ainda têm receio, ainda têm a percepção de que o Português é uma língua proibida", conta.

A história do Timor Leste

O Timor Leste foi colonizado pelo governo de Portugal por quase 500 anos. No ano de 1975, o país foi invadido e ocupado militarmente pela Indonésia.

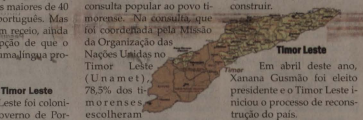
Durante a invasão indonésia, que se prolongou até 1989, o acesso ao território timorense era vedado a pessoas não autorizadas. A Indonésia promoveu um verdadeiro genocídio físico e cultural no Timor, proibindo, inclusive, a língua portuguesa e desestimulando as línguas locais em prol do bahasa (língua indonésia).

Em 1999, devido às pressões das Nações Unidas e de toda a comunidade internacional, o governo indonésio concordou com a realização, no dia 30 de agosto, de uma consulta popular ao povo timorense. Na consulta, que foi coordenada pela Missão da Organização das Nações Unidas no Timor Leste (Unamet), 78,5% dos timorenses escolheram a independência do país. Após o plebiscito, milícias pró-indonésia iniciaram a devastação do território timorense, que só foi detida com o envio de uma força internacional de paz da ONU.

Em outubro de 1999, o Conselho de Segurança da organização determinou a substituição da Unamet pela Administração Transitória no Timor Leste (Untaet), chefiada pelo brasileiro Sérgio Vieira de Mello. Ele foi encarregado de assegurar a paz no país durante o período de transição para a independência e criar condições mínimas para que o Timor pudesse se reconstruir.

Fotos: Mariana Nogueira

Antônio Augusto e Lizandra Nunes têm uma difícil missão, uma vez que a maioria dos timorenses ainda acreditam que o português é uma língua proibida



Timor Leste

Em abril deste ano, Xanana Gusmão foi eleito presidente e o Timor Leste iniciou o processo de reconstrução do país.

Circuito Universitário

Estudantes escritores

Boa chance para quem escreve poesia e sonha em publicar um livro. O Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, Instituto Metropolitano de Altos Estudos e a União Brasileira de Escritores promovem o "1º Concurso Universitário de Literatura". Estudantes de qualquer instituição de ensino superior do País poderão concorrer, com livro inédito. O vencedor terá seu livro publicado. Inscrições até 13 de setembro. Informações: www.fmu.br

Curso para bandas

A UFMG está promovendo o Projeto Bandas, que vai oferecer formação teórica e prática e atualização na área de banda de música. Neste semestre, são oferecidas vagas para os seguintes instrumentos: flauta, clarineta, oboé, fagote, saxofone (soprano, alto, tenor e baritono), trompete, trombone, bombardino, trompa, tuba, percussão e regência. As inscrições podem ser feitas por e-mail e custam R$ 10 e estão abertas até o dia 29 de agosto. praca@fundep.ufmg.br

Faça estágio no exterior

Estão abertas as inscrições para o programa Internacional de Aperfeiçoamento Empresarial da AIESEC. A organização, que conta com o apoio da UnB e de estudantes voluntários, oferece vagas de estágio para universitários em dez áreas diferentes. É necessário ter cumprido pelo menos 60% do curso ou ter se formado, no máximo, há dois anos. Os estágios são remunerados conforme o custo de vida de cada país. Informações: 274 5210 aiesec.brasilia@aiesec.net

Xanana Gusmão no Brasil

Durante a IV Conferência dos Chefes de Estado da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), realizada em Brasília nos dias 31 de julho e 1º de agosto, o presidente do Timor Leste, Xanana Gusmão, afirmou que o processo de reintrodução da língua portuguesa no país deve durar de 10 a 15 anos.

Em discurso no Palácio do Itamaraty, Xanana ressaltou que o resgate do português e o desenvolvimento do tétum constituirão os "pilares fundamentais da soberania e identidade timorense". O presidente afirmou ainda que a popularização da língua portuguesa não será alcançada somente pelos meios convencionais de ensino, e que meios audiovisuais como o cinema, a novela e a música também serão utilizados.

Falta espaço para comer no ICC

Comerciantes não têm lugar apropriado para vender comida

Carlos Augusto Moura

A administração do *campus* tem se incomodado com a poluição visual e o desordenamento espacial dos quiosques de alimentos instalados nas imediações do Minhocão. Isso pode prejudicar a higiene dos alimentos, já que os comerciantes têm dificuldades em encontrar água encanada e saneamento nesses locais. O problema pode ser resolvido com a criação de locais especiais para a venda de alimentos. O projeto já está pronto, mas ainda não foi posto em prática.

O principal motivo do atraso está no custo, em torno de 12 mil reais, dos módulos projetados pelo Centro de Planejamento da UnB, (Ceplan). Além disso, ninguém sabe ainda se os comerciantes vão comprar os quiosques ou se a universidade vai pagar pela construção e depois alugar para os vendedores.

Quiosque na Ala Norte: tentativa de disciplinar a venda de alimentos

Os quiosques têm entre seis e 14 metros quadrados e serão construídos entre o RU e as entradas centrais das Alas Sul e Norte.

Experiência

A primeira tentativa de disciplinar o espaço da venda de alimentos no *campus* aconteceu na extremidade da Ala Norte do ICC. De acordo com o diretor do Ceplan, Alberto de Faria, a unidade foi construída como modelo aos futuros projetos, mas acabou ficando muito grande. Segundo ele, os comerciantes tentam montar verdadeiros restaurantes em locais não planejados para isso.

Conforme uma das proprietárias do novo quiosque instalado na Ala Norte, Sônia Santos, construir a lanchonete foi uma batalha. "Chegamos até a ser tachadas de encrenqueiras por causa da insistência, mas no reboque, por mais que tivéssemos esforço, era difícil oferecer a mesma qualidade", desabafa.

No extremo sul do ICC, a dificuldade é a mesma. A proprietária da lanchonete Prus Coco, Joselina Alves, diz que levou muito tempo para conseguir água encanada. Ela reclama também do pouco espaço que atrapalha até mesmo a separação dos alimentos.

Alunos do ensino médio se juntaram ao DCE e ao Movimento dos Sem-Terra para protestar contra a mercantilização da educação no dia 13 de agosto. Depois de caminhar no Minhocão, os manifestantes marcharam para a Esplanada dos Ministérios.

Adiado o reajuste nas multas da BCE

O reajuste nos valores das multas da Biblioteca, publicado pelo **Campus** na edição passada, foi adiado para o dia 7 de outubro. Clarimar Vale, diretora da BCE, diz que o pedido foi feito pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE). A alegação é que o semestre letivo está terminando e seria melhor implantar os novos valores durante o período de matrícula do próximo semestre, durante o qual os estudantes seriam melhor avisados.

As multas vão passar de R$ 0,30 para R$ 0,90 por dia no caso do livro, de R$ 0,40 para R$1,00 o periódico, de R$ 0,90 para R$ 1,50 os multimeios (como CD-ROM) e o material da sala de reserva passa de R$ 0,40 para R$ 1,00 por hora.

Aberta a primeira rodada do JiUnBs

Em função das férias em setembro, os Jogos Internos da UnB (JiUnBs) foram divididos em duas rodadas, sendo disputados nesse semestre e no próximo. O evento sempre ocorre no segundo semestre de cada ano, sendo disputado pelos centros acadêmicos e servidores da universidade.

Até o dia 6 de setembro, os estudantes vão participar em oito modalidades: cabo de guerra, futsal, judô, tenis de mesa, futebol de areia, peteca, xadrez e totó. Na segunda, que será realizada entre os dias 3 de novembro de 21 de dezembro, as modalidades disputadas serão atletismo, basquete, futebol, handbol, jiu-jitsu, karatê, natação pólo aquático, rali de regularidade, tênis, truco, vôlei de praia e vôlei. Para essa etapa as inscrições serão de 22 de setembro a 10 de outubro.

IdA está de casa nova

Finalmente será inaugurado o novo prédio do Instituto de Artes (IdA). Ele tem instalações próprias para o curso de Artes Cênicas, mas também deverá ser utilizado pelos alunos de Artes Plásticas. O fim da obra é para ser comemorado, já que este ano o projeto inicial do prédio está completando dez anos. Existe também uma sala de teatro com palco hidráulico. Esse é o primeiro dos seis prédios que formarão o Complexo das Artes da UnB.

O principal motivo da demora na construção do primeiro prédio foi o financiamento. Como boa parte dos recursos veio da Lei Rouanet de incentiva a cultura, a obra precisou ser feita em etapas.